

[TT00999]

A História de Gugusse

Armando, Erse

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

A História de Gugusse

A História de Gugresse

João Luso

ATO ÚNICO

Fazer rir... Arte sublime que ninguém poderá dizer ao certo como se exerce, nem mesmo no que consiste... É por via de regra um condão misterioso que não está na inteligência, nem no saber, nem na figura, nem no esforço, mas numa espécie de irradiação simpática do indivíduo, um fluido que se desprende, se propaga, e invade, e conquista, e é positivamente irresistível. Fazer rir... Quantos fazem rir sem poder explicar como nem porque; e quantos, com a sua tristeza, as suas magoas mais profundas, provocam o mais franco e expansivo regozijo. A muitos artistas tem sucedido obter grandes êxito de jocosidade, justamente em dias de excepcional melancolia ou quando acabam de receber o mais terrível golpe moral. Citam-se a tal respeito casos inacreditáveis e todavia rigorosamente verdadeiros. O de Auguste é talvez de todos o mais impressionante.

Auguste, Gugusse, o celebre palhaço parisiense, o primeiro, o creador do gênero, o fundador da dinastia dos Augustes, deveu o êxito decisivo da sua carreira a um desses transes formidáveis que de repente se armam no camarim, a dois passos do palco ou da arena. Era já certo um bom clown, o favorito do seu modesto circo de arrabalde. A fatalidade da morte de um filho, morte súbita, entre a primeira e a segunda ?entradas? da noite, deu-lhe a grande celebridade da capital do mundo ? e do mundo. Como? Da maneira mais simples. Auguste professava a especialidade do cômico boçal, macambúzio e desasado, que cáe em todos os logros, apanha toda a bordoadada e supremamente regala os espectadores, por lhes dar, momentânea embora, a ilusão da sua superioridade. Dessa vez, com a imagem do filho morto deante dos olhos Auguste caminhou para pista como para um calvário. Quis se encher de coragem, a dor foi mais forte... Perdeu a noção de tudo... E começou a andar para cá e para lá, embasbacado, tonto, a olhar para os outros palhaços, sem compreender e eles faziam, muito menos o que a sua própria pessoa fazia no meio deles...

No primeiro momento o público estranhou aquilo, mas logo julgou ter argutamente apreendido o novo ?jogo? do clow. Aos milhares de olhos de amphitheatro Auguste adeptava um processo original e nunca visto, feito de naturalidade, de verdade, cópia exacta da vida nas suas lutas e atribulações... Lançava o realismna arena, tornava-se o Antoine da pachuchada! E desde que tal de descobriu com a sua infalível clarividência! Entrou o público a rir e a aplaudir como nunca. Achava Auguste como nunca engraçado, absolutamente impagavel, com a cara de parvo que fazia, o arde assombro, os olhos vagos, a boca aberta como por esquecimento, uma expressão arregalada e babona de suma patetice... E Auguste tão pouco compreendia o público. Deixava-se andar por ali à mercê dos outros saltimbancos que, sabedores de seu estado, empregavam todos os trucs possíveis para disfarçar a situação perigosa, para salvar o colega na iminência de tal fracasso. Só lhe dirigiam o ditos a que ele podesse responder com monossílabos. De vez em quando, dir-se-ia que Auguste fazia um esforço enorme para soltar o monossílabo; e de cada vez, pelas arquibancadas em redor, corria mais impetuosa e turbulenta rajada de gargalhadas. Ao aproximar-se a parte final do número dos palhaços, a clássica apotheose de pancadaria, já mitos espectadores se queixavam de não pode mais; doiam-lhes as ilhargas do excesso nervoso da hilaridade; ou queriam se ir embora, pediam que se acabasse com aquilo senão morriam, de tanto rir! Quando, sob os estales de ?bacalhau?, Auguste escancarou ainda mais a boca e desatou num choro louco, profundo, infinitamente lugrube e infinitamente grotesco, a enorme assistência levantou-se, eletrizada de entusiasmo; e quando ele como se sucumbisse aquela tarefa inofensiva, se deixou cair nos braços doutro clow que o levou para dentro, sem acordo, foi a mais ardente, mais delirante, mais desvairada ovação! A sua escola estava consagrada; era o Antoine dos palhaços com

A História de Gugusse

tanto que continuasse a fazer o que fizera naquela noite e definitivamente adaptasse aquela maneira tão nova, tão pessoal, numa palavra: única. Auguste viu que não tinha outro partido a tomar; quando voltou à arena, imitou-se a si próprio, fixou para sempre a vera imagem do seu tormento. Celebrizou-se, obteve os melhores contratos dos circos de França e do estrangeiro... Até que, um dia, tendo feito fortuna, abandonou a arena e, no retiro da sua bem ganha aposentadoria, pendeu, sem que dele se risse um imenso público, continuar a chorar o filho morto!

